



O mau exemplo de Jô Soares

Para comunicadores em geral, maus exemplos são bons exemplos como referencial de aprendizado na prática diária. Este repórter teve o cuidado de buscar a opinião de uma dúzia de pessoas para não cometer o despautério de criticar um ícone da televisão. Alcançada a cumplicidade explícita, foi às teclas para compor esta nota. Está na moda entrevistar candidatos a candidatos a presidente. Nem todos o são ainda, até que seja aceito o registro pelos tribunais eleitorais. Com ressalvas, é uma boa prática democrática e pode contribuir

até para esclarecer o público, eleitor ou não.

Contanto que não sejam o modelo de entrevistas feitas pelo comediante e escritor Jô Soares. Ele está praticando ostensivamente a metodologia da anti-entrevista. Como se julga uma unanimidade, Soares invariavelmente não dispensa tentar aparecer mais do que o entrevistado. Sendo este um inglês ou um francês, então, **vixealá**. Faz verdadeiros discursos em inglês ou francês para demonstrar que conhece os dois idiomas. Maravilha!

Mas, e os entrevistados? Ficam de olho no gordo e, vez em quando, balbuciam meia dúzia de meias palavras. O gordo não os deixa falar.

Ao mencionar a cumplicidade de uma dúzia de pessoas, buscava exatamente separar o que pudesse ser implicância do repórter que escreve estas notas da realidade. Nas opiniões ouvidas, descobri não ser implicância, mas constatação.

Com candidatos a candidatos a presidente, o gordo usou & abusou da arrogância. Com Ciro Gomes, uma entrevista-campanha abertamente. Com Garotinho Dengoso, o buraco foi mais embaixo. Jô Soares tentou desestabilizá-lo logo no início. Como que olhando uma maçaroca de papel mandado à produção pela assessoria do candidato – que claramente não vira antes –, o gordo perguntou com a cara bem próxima à do candidato: “você pegou dengue?” A resposta negativa do candidato gerou um “não pegou, não?” desconcertado. Depois, bloco após bloco demonstrou total falta de senso em perguntas mal colocadas e soltas, enquanto o candidato, surpreendentemente bem articulado, explorava índices obtidos no Rio de Janeiro e programas de governo. Garotinho almoçou e jantou a má vontade expressa do entrevistador.

As entrevistas do gordo mostraram o quanto é importante não se entrar numa entrevista sem antes ir ao departamento de pesquisa ou sem uma olhadela no material mandado pela assessoria. Mais que isso: que o entrevistador é uma estrela em talk shows, mas o público quer ouvir o entrevistado, seja ele bom ou ruim.



Cresecendo e aparecendo

Uma mudança salutar foi a que promoveu “A Gazeta” no seu caderno de esportes da segunda-feira. Deixou para trás aquele formato difícil de minitablóide, cresceu e apareceu. Passou a circular num caderno com as mesmas dimensões do jornal, o que lhe abriu melhores possibilidades de tratamento gráfico. Títulos bem bolados também fazem do caderno uma boa leitura.

A boa notícia ruim

É mais ou menos assim: o conceito de interesse do leitor, do ouvinte, da tevêtina se mede pelo tamanho do acidente ou da tragédia. Ou pelo porte do rombo ou da denúncia de corrupção. Pequenos acidentes ou pequenos assaltos a bens públicos inexpressivos, nem pensar. Não têm audiência, não dão repercussão. A guerra aberta e declarada entre os veículos de comunicação é balizada pelas pesquisas. Elas indicam em que direção o público vai ou está indo.

A manchete sobre o seqüestro do motorista de taxi ou do parvo casal que, em vez de ir namorar no motel, prefere economizar estacionando o carro numa rua escurinha, atrai mais público do que os índices positivos do aumento da produção de petróleo ou da elevação dos salários das mulheres.

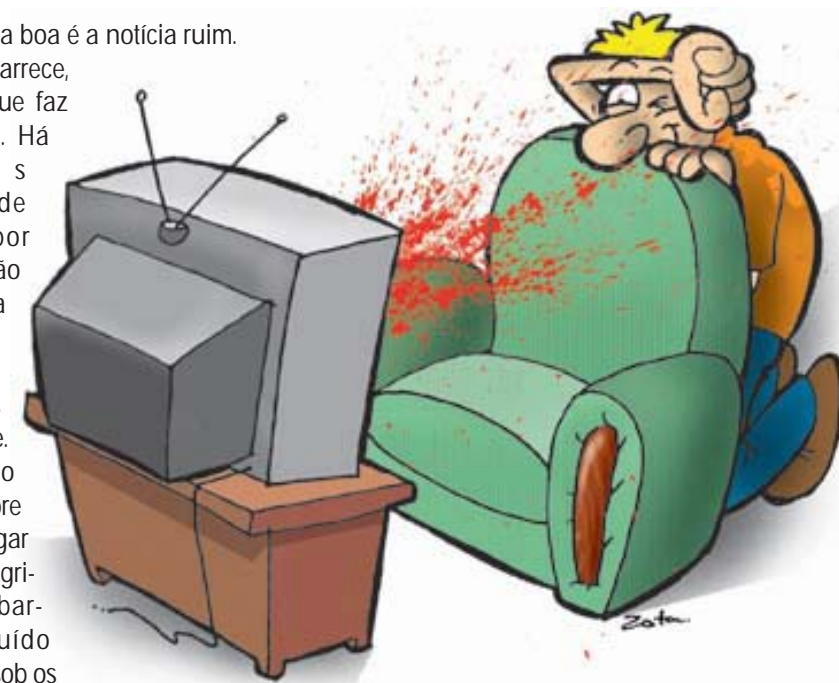
O público gosta de tragédia? O povo prefere os escândalos de corrupção nos serviços públicos e se delicia quando aquele prefeito supostamente carimbado com o selo da honestidade foi apanhado

publicamente por uma *candid camera* numa negociação de lobista inescrupuloso? Pelo comportamento geral da massa, tudo indica que sim. Ou a massa tem sede de escândalos, de sangue, de muitos mortos, ou as empresas de comunicação se tornaram reféns das pesquisas e direcionam suas pautas para as boas notícias ruins.

É isso: notícia boa é a notícia ruim.

Aquela que estarrece, que comove, que faz jorrar lágrimas. Há grandes emissoras de televisão, por exemplo, que não dispensam uma sessão de *teletélagras* nos grandes jornais da rede. Enquanto não aparece um pobre de qualquer lugar deramando lágrimas por um baraco construído irregularmente sob os

olhos escan-carados do poder público, a edição da noite não está completa. Lágrimas com câmara fechando em *close*, como costuma dizer um diretor de estúdio, sem se preocupar se fechar e *close* querem dizer a mesma coisa. Simplificando: o lance é fechar com as lágrimas respingando na lente da câmara.



Enquanto isso...

Continua indefinido o das sextas **Prazer & Cia**. Caderno cujo conceito deve ser o de abrir aos olhos, aos ouvidos, às vistas e aos sabores um prazeroso roteiro de fim de semana, não alcançou até aqui realizá-lo na prática. Muito miúdo, não se permite aqueles efeitos visuais que fazem do leitor um peixe candidato a morrer pela boca ou pelos prazeres oferecidos.

Quem sabe, o caminho do **Prazer & Cia** não seja o mesmo do caderno de esportes? Um diretor de arte com experiência em grandes jornais brasileiros e internacionais, ele tem. Talvez o formato do caderninho ainda não tenha permitido ao competente Paulo Nascimento colocar seus grandes conhecimentos e bom gosto para fora. Além disso, o caderno tem um universo maior dos que os elegantes restaurantes da Praia do Canto para percorrer.

Enquanto isso 2...

O caderno **Fim de Semana** de “A Tribuna” pega o leitor pelos olhos logo na primeira página. Farto em foto e em cores, está claro que suas medidas de tablóide tradicional favorecem o tratamento que recebe. O que não acontece com o mini de “A Gazeta”.

Tudo velho

Muito atenciosa com o repórter, a diretora de Jornalismo da Gazeta Rádios, Luciane Ventura, foi objetiva: nada de novo sobre a Rádio Gazeta numa rede com a Globo. “A Rádio Gazeta, por enquanto, continua firme e forte”, disse Luciane. Uma preocupação a menos para Jairo Maia, temeroso de virar um sandubão na programação em rede, só com ele defendendo a grade local.

